

## Diga Leitor

### Amnésia

Ou a doença súbita da falta de memória. As vítimas não são uns cidadãos quaisquer. A síndrome apodera-se duns quantos, que já são tantos. Notáveis. São uma elite dum Portugal, que quase agoniza. Porquê?

Porque há uns tipos que vivem acima das suas posses. Será? O elevador "social" avaria. Não arranca da cave. Muitos até ficam pela subcave.

É a bancarrota. O País para sobreviver, tem de ir aos "fundos", quer internacionais, quer europeus. Quase se afunda no fundo dum poço de lama corrosiva e mal cheirosa. No meio deste lamaçal, é possível enxergar uns "seres", que se tentam baldar, de "colarinhos brancos" para um qualquer "paraíso", onde possam, ainda, rir e gozar o que lhes sobre em ganância e falta em ética e moral. Tudo legal. Parecer perentório de escritórios de advogados com nome feito na praça da especialidade.

Afinal "a doença" é geral e surge na América, com créditos de risco, a que faltam garantias.

Estamos em 2007/2008. Em Portugal um banco de Investimentos das elites, é acusado de fraude fiscal, branqueamento de capitais e peculato. Fixem estas palavras, porque nos anos

seguintes, vão ser utilizadas muitas vezes.

Seguem-se outros bancos e outras grandes empresas de referência.

Afinal a responsabilidade que é atribuída aos que ficaram bloqueados na "cave" e, aos que entretanto emigraram e ficaram desempregados, é um tremendo equívoco.

Conclusão a que chegam, embora com visível embaraço, comentadores e analistas, especialistas nestas matérias.

Apenas se lhes pode assacar uma ínfima parte da raiz do imbróglcio criado. Talvez o único erro, que se lhes possa atribuir, é terem sido pessoas de bem e cumpridoras.

Alegadamente, todo este "fartar vilanagem", terá sido praticado por alguns "tipos" moradores em condóminos de luxo ou em palacetes da "linha" ou da "quinta". Alguns. Porque outros, entretanto, puseram-se ao "fresco" ou ao "sol", consoante os "paraísos" na terra, escolhidos.

O mal já estava feito e o Portugal "feito num oito". Seguem-se Investigações, arguidos e prisões preventivas. As comissões de inquérito, na "casa da democracia", sucedem-se.

São chamados a depor, desde reguladores, ex-ministros, empresários, homens de negócios, banqueiros, gestores de méri-

tos premiados, até a investidores "profissionais de casino", com a escola toda, graduados nas melhores universidades de renome internacional e com o domínio completo das novas tecnologias.

Já era tanta a revolta e algum "vômito" que alguém ao lado, com jeito para as cantigas ao desafio, mal rimadas, cantarola, que tanta falta nos faz, não um Salazar, mas um Marquês de Pombal. Ainda outro, acrescenta, é por estas e por outras, que os populistas candidatos a ditadores, proliferam cada vez mais.

"À política o que é da política, à justiça o que é da justiça", declara convicto um governante, a propósito dum outro antigo colega, entretanto, preventivamente preso. A consciência, a dele, claro, agradece. Nessa noite irá dormir mais descansado.

Eis quando um conceituado Professor e Juiz Conselheiro numa das muitas conferências que profere por esse Portugal fora, o contradiz. "... o que é da Justiça também é da política..."

O governante habituado a sorrir, desta vez, o sorriso saiu-lhe mais para o amarelo.

Também um já galardoado prémio Nobel da economia, contradiz alguns "jovens turcos", quando vem defendendo "o que é da economia também é da política", quando as tais jo-

vens "promessas" do neoliberalismo, com uma verve inflamada, veem defendendo o primado da economia sobre a política, com os resultados a que todos estamos a assistir. Oxalá daqui a uns anos, esses jovens, já mais maduros não venham alegar faltas de memória, quando, alguns, seduzidos pelo "poder do dinheiro" (o tal poder que perde almas), tenham de vir a depor.

Entretanto nas comissões de inquérito, as audições continuam, todos os notáveis cidadãos chamados a depor, perante os deputados do povo, são acometidos duma doença súbita Amnésia, são as convenientes faltas de memória a fazer das suas e a requerer com urgência a presença do neurocientista português, mas de renome consagrado em todo o mundo, António Damásio.

Embora esta novela já tenha vários anos, nos últimos episódios, os protagonistas foram o antigo e o atual governadores do Banco de Portugal.

Foi conflagrador e até patético, assistir e ver, tais altos responsáveis, a serem acometidos do mesmo mal, amnésia, que já parece quase uma "pandemia".

Falta de memória, não sabiam nem tinham de saber, era com os outros administradores, com os auditores, eram muitos os papéis, não eram obrigados

a terem conhecimento do que acontecia. Então a crise financeira internacional, com a queda dum dos maiores bancos mundiais, nada lhes dizia? E os relatórios e alertas efetuados pelos Revisores Oficiais de Contas não eram lidos? Não se tratava de alguns tostões, mas de biliões.

E pensar que estes dois Governadores foram alunos de vinte valores. Os melhores da turma.

Continuam a surgirem problemas por este mundo fora, a exigirem mais lideres e políticos, que assumam responsabilidades, com memória, do que técnicos com "amnésia", por mais currículos que tenham. Existem características exigidas a um líder, que por melhores que sejam as escolas frequentadas e os conhecimentos do digital que detenham, podem ajudar, mas não são tudo.

O caráter dum líder que se preze, a par do bom senso e qualidades "de chefia naturais", é também, o saber assumir responsabilidades. E já agora terem memória, quando a hora de prestar contas, chegar, quer nas vitórias e, muito em particular, nas derrotas.

A terminar apetece-me citar Luís de Camões: "O fraco rei faz fraca a forte gente". ♦ A. BENJAMIM